

Quando a tosse crónica se torna um desafio para o MF

P. 8



INFORMAÇÃO

É agora possível alcançar mais funcionalidade e autonomia para o doente com esquizofrenia, ajudando-o a fazer a sua "longa viagem sem naufrágios".

P. 20/21



Cuidados Respiratórios Domiciliários

24 horas/365 dias
800 50 60 90
GRATUITO

JORNAL MÉDICO

DOS CUIDADOS DE SAÚDE INTEGRADOS

Diretor: José Alberto Soares
Mensal • Dezembro 2024
Ano XII • Número 130 • 3 euros

Publicação Periódica Híbrida



O médico de família Eurico Silva reflete, em artigo de opinião, sobre os **novos indicadores da área respiratória nos CSP**, criados na sequência do conceito de contratualização surgido em 2024: o Índice de Desempenho da Equipa (IDE).

P. 22

ALLERGY & RESPIRATORY SUMMIT 2025

CENTRO DE CONGRESSOS - HOTEL SHERATON PORTO
13 - 15 DE FEVEREIRO

USF Rainha D. Leonor: a vontade de investir mais nas áreas respiratória e cardiovascular

Haver canais de comunicação bem estabelecidos no seio da ULS do Oeste é um desejo assumido por Isabel Ramos, coordenadora da Unidade, e por Rodrigo Farinha Marques, diretor clínico da área dos CSP (ambos na foto).

P. 14/19



INFORMAÇÃO

Prevenir a enxaqueca é exequível nos CSP

Existem hoje opções terapêuticas orais com grande eficácia e centradas num alvo terapêutico novo. Realce para o atogepant, atualmente aprovado para a prevenção da enxaqueca episódica e crónica.

P. 10/11



Manuel Viana

Grau de fragilidade do idoso define terapêutica

P. 6



Lima Nogueira

IA pode resolver falta de tempo na consulta

P. 7

Pedro Caiano Gil apresenta a Consulta de Medicina – Diabetes da ULS de Gaia e Espinho

P. 12/13

ESPECIAL

10.ªs Jornadas GRESP

P. 22/27



VII JORNADAS MULTIDISCIPLINARES DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR



2025
20 a 22 de março
PORTO

ALLERGY & RESPIRATORY SUMMIT 2025

CENTRO DE CONGRESSOS - HOTEL SHERATON PORTO
13 - 15 DE FEVEREIRO

RUI COSTA, COORDENADOR DO ALLERGY & RESPIRATORY SUMMIT 2025:

“A tosse crónica representa, muitas vezes, um desafio para o médico de família”

SINTOMA OU SÍNDROME? É ESTA A PRIMEIRA QUESTÃO QUE SE COLOCA A QUEM TEM À SUA FRENTE UM DOENTE COM UMA TOSSE CLASSIFICADA COMO CRÓNICA. O TEMA SURJE DESTACADO NO PROGRAMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO DO ALLERGY & RESPIRATORY SUMMIT, EVENTO DE QUE O MÉDICO DE FAMÍLIA RUI COSTA É COORDENADOR, JUNTAMENTE COM O IMUNOALERGOLOGISTA MÁRIO MORAIS DE ALMEIDA.



Rui Costa: “Estamos perante a chamada síndrome da tosse crónica quando esta é refratária ou inexplicável”

“A tosse crónica representa, muitas vezes, um verdadeiro desafio para a Medicina Geral e Familiar, desde logo porque pode ser considerada uma de duas coisas, um sintoma ou uma síndrome”, afirma Rui Costa, que até há pouco tempo coordenava o GRESP-Grupo de Doenças Respiratórias da APMGF.

Um aspeto que importa deixar claro é que a tosse é considerada crónica quando tem mais de oito semanas de evolução, no caso do adulto, ou mais de quatro semanas, se se tratar de uma criança. Para o nosso entrevistado, “é importante o médico de família estar familiarizado com a abordagem da tosse crónica porque é uma condição complexa e multifatorial que afeta milhões de pessoas em todo o mundo e acontece com uma elevada frequência, atingindo mais de 10% da nossa população”. E acrescenta:

“Ela pode ser, muitas vezes, um reflexo natural e importante do organismo para proteger as vias aéreas,

sendo particularmente perturbadora em mulheres ou pessoas com mais idade, mas atingindo, de uma forma geral, toda a gente.”

Rui Costa diz que se deve começar por verificar se a tosse crónica que o utente apresenta é um sintoma eventualmente resultante, por exemplo, da toma de algum medicamento que propicie essa situação. “Há fármacos que podem provocar a sua ocorrência, sen-

A tosse é considerada crónica quando, no caso do adulto, tem mais de oito semanas de evolução.

do os mais frequentes os inibidores da enzima de conversão da angiotensina e alguns inibidores da DPP4, utilizados no tratamento da diabetes”, esclarece.

O passo seguinte a dar é procurar excluir a existência de uma doença específica nos pulmões que possa justificar a tosse crónica, nomeadamente, “uma patologia maligna, uma bronquiectasia, uma infeção (por exemplo, pneumonia ou tuberculose), uma insuficiência cardíaca, uma sarcoidose, uma doença intersticial ou uma DPOC”.

“Quando realmente se conclui que a pessoa não usa medicamentos que possam originar tosse, que não é fumadora, que nenhuma causa identificável como as que acabei de enumerar está presente, então impõe-

-se considerar fazer três diagnósticos e até, muitas vezes, tratar empiricamente para essas situações. São elas a presença de asma ou de bronquite eosinofílica não asmática; a existência de uma dismotilidade a nível do esófago ou até de refluxo gastroesofágico; o estarmos perante uma rinite, uma rinosinusite ou uma síndrome da rinorreia posterior”, refere Rui Costa.

“Quando realizamos esta abordagem e o problema persiste, conclui-se estarmos perante a chamada síndrome da tosse crónica, por ser refratária ou inexplicável. Para a qual, aliás, têm estado ultimamente a ser desenvolvidos tratamentos específicos, visando minimizar o impacto que esta tosse tem”, refere o médico.

Aliás, deverá ser lançado brevemente em Portugal um fármaco que já foi aprovado pela Agência Europeia do Medicamento em 2023. “Trata-se de um antagonista altamente seletivo do recetor específico envolvido na tosse, que se encontra localizado nas fibras sensoriais do nervo vago tipo C”, explica Rui Costa, que ainda adianta ser o recetor P2X3 mais sensível nas mulheres do que nos homens, o que as torna mais propensas a sofrer de tosse crónica ou inexplicável.

Número de inscritos já atinge os 1200

Rui Costa reconhece que a 1.ª edição do Allergy & Respiratory Summit, realizado no início de 2024, em Lisboa, “superou todas as expectativas”, registando perto de 750 participantes, entre presenciais e online. Número que, entretanto, já foi superado relativamente à 2.ª edição deste evento, a decorrer no Porto, em fevereiro de 2025, tendo-se atingido, agora no final de novembro, os 1200 inscritos.

A concretização deste projeto de educação médica, cuja continuidade está garantida, resulta da vontade dos seus dois coordenadores, Rui Costa e Mário Morais de Almeida, que estão seguros de uma coisa: “A partilha de conhecimento que se promove irá traduzir-se, com certeza, em melhores resultados de saúde para as populações que servimos.”

Um programa científico abrangente e diversificado

O Allergy & Respiratory Summit de 2025 apresenta um programa científico que não é diferente do da 1.ª edição no que respeita a dois aspetos importantes: “É muito abrangente e diversificado, incluindo palestras interativas e didáticas, envolvendo especialistas de MGF, de Imunoalergologia e de Pneumologia”, resume Rui Costa.

O primeiro dia do evento inicia-se com uma sessão intitulada “DPOC e SAOS – um casamento para a vida?”, com a participação da pneumologista Marta Drummond e de Cláudia Vicente, atual coordenadora do GRESP. Ainda durante a manhã de 13 de fevereiro, outra pneumologista, Raquel Duarte, e Jaime Correia de Sousa (MGF) debruçam-se sobre a “Tuberculose pulmonar no século XXI”. À tarde, sobre “A condição pós-

-covid – o que saber” falará o também pneumologista Filipe Froes.

Já na sexta-feira, dia 14, destaca-se a sessão “Será alergia ou intolerância alimentar?”, em que participam Eurico Silva (MGF) e os imunoalergologistas Helena Pité e Mário Morais de Almeida.

De realçar também a presença na reunião de um convidado estrangeiro, o especialista em Imunoalergologia espanhol Ignacio Ansotegui. Participará na sessão dedicada à rinite alérgica e à rinosinusite e também no *Hot Topic* “10 mandamentos da asma e da DPOC, neste último caso, em conjunto com Rui Costa, que esclarece:

“O que se pretende é arrumar as ideias em relação a estas duas patologias, isto é, deixar claro quando fazer o diagnóstico e tratar a asma e a DPOC, bem como agir quando nos deparamos

com aqueles doentes que têm a sobreposição de ambas as doenças.”

“Nesta próxima edição do Allergy & Respiratory Summit também falaremos, por exemplo, do mundo da asma na criança e no desportista e da cessação tabágica. Ainda nos focaremos num tema que suscita muitas dúvidas, que tem que ver com o percebermos se estamos perante um caso de alergia ou de intolerância alimentar”, acrescenta o médico.

De referir que, a propósito do tema da tosse crónica, que, como já se viu, integra o Programa do evento, está previsto o lançamento de um livro, editado pela Lidel e da autoria de Mário Morais de Almeida e Rui Costa.

E se na 1.ª edição do Summit a interpretação de provas de espirometria foi o exercício promovido no jogo interativo realizado, agora terá lugar,

em moldes semelhantes, a *Allergy Respiratory League*. Todos os participantes, presenciais ou online, vão ser desafiados a responder a questões ligadas a aspetos essenciais das doenças respiratórias e alergológicas ou até de cultura geral.

Finalmente, mais uma novidade: na manhã do 3.º dia, sábado, vão decorrer dois cursos, ambos dirigidos preferencialmente a farmacêuticos e enfermeiros, sobre vacinação no adulto e técnica inalatória. Rui Costa justifica a importância dos mesmos:

“Consideramos que estes dois grupos de profissionais têm um papel cada vez mais relevante no ambulatório nestas duas áreas, tanto no esclarecimento e no ensino da técnica inalatória das pessoas com asma ou DPOC como na vacinação da nossa população.”